

Marina Oliveira na cerimônia de premiação por seu empenho no caso de
Brumadinho

“Bom dia a todos!

Em primeiro lugar, **gostaria de cumprimentar a todos os presentes**. Gostaria de agradecer à Commission nationale consultative des droits de l'homme, na pessoa de seu Presidente, Jean-Marie Burguburu, bem como ao Ministro Delegado do Ministério da Europa e Relações Exteriores, responsável pelo Comércio Exterior, Atratividade e Cidadãos Franceses no Exterior, Olivier Becht.

Me sinto honrada de receber esse prêmio. Por outro lado, me sinto triste porque ao mesmo tempo que estou recebendo esse prêmio, milhares de defensores de direitos humanos são ameaçados, difamados, perseguidos e assassinados. Espero que um dia prêmios como esse não sejam mais necessários, porque não haverá mais violações de direitos humanos. Enquanto isso não acontece, cabe a nós lutarmos para fazer com que esse dia chegue o quanto antes.

Todos os dias milhares de pessoas ao redor do mundo morrem em razão de violações de seus direitos. Morrem porque não têm acesso à água potável, alimentação, moradia, educação, saúde ou porque seus territórios são vítimas de disputas geopolíticas de grandes atores da Sociedade Internacional.

Essas violações de direitos humanos são muitas vezes arquitetadas e projetadas por grandes setores econômicos que lucram com a exploração predatória. Estamos falando da indústria armamentista, da mineração, do agronegócio e de grandes empreendimentos econômicos que espoliam a vida para acumular mais lucro. Eles privatizam os lucros e socializam os sofrimentos.

Na minha cidade foi assim. Em janeiro de 2019 a barragem de rejeitos da mineradora Vale explodiu e assassinou quase 300 pessoas da minha cidade, Brumadinho. Eu trouxe meus amigos comigo para que você pudesse ver seus rostos. Bruno tinha a mesma idade

que eu e tinha o mesmo direito de viver. A tragédia soterrou toda a fauna, flora e biodiversidade local, contaminando a nossa bacia hidrográfica, o nosso solo e o ar. Também trouxe uma garrafa de água do nosso rio. Estudos apontam que nossas crianças, jovens e adultos já apresentam metais pesados no sangue. Até hoje não temos nenhuma solução para isso.

Nós somos 26 municípios atingidos. Somos 1 milhão de pessoas afetadas pelo ecocídio provocado pelo setor da mineração. Somos mulheres, indígenas, quilombolas, agricultores familiares, pescadores, pessoas do campo e da cidade. A morte dos meus amigos é produto e resultado de um modelo econômico predatório, que prioriza o lucro em detrimento da vida.

Na maioria das vezes, **os centros de comando dessas multinacionais estão localizados em países desenvolvidos** e geralmente se beneficiam da complacência dos governos. Esses setores se aproveitam da fragilidade da legislação dos países pobres para intensificar suas atividades e maximizar seus lucros. Por isso, é urgente que os governos imponham critérios internacionais genuinamente vinculativos a essas empresas para evitar o ecocídio e a violação dos direitos humanos.

Nós não estamos pedindo muito. Queremos apenas ser felizes. Queremos ter acesso à água, ao meio ambiente equilibrado, a alimento saudável, à moradia segura e à trabalho digno. Nós estamos sofrendo com secas, enchentes, ondas de calor e doenças provocadas pelo desequilíbrio ambiental causado pelas mãos humanas dos poderosos.

O 1% mais rico do planeta emite o mesmo volume de carbono que 66% da população mundial. Somente no ano passado, o mundo gastou mais de US\$ 2 trilhões e 224 milhões de dólares em armas. Enquanto isso crianças e mulheres famintas são alvejadas por essas armas.

Eu acredito na força transformadora do amor. Eu não nasci defensora de direitos humanos. A violência da ganância e o amor pela minha comunidade me transformaram em uma defensora. Todos nós podemos transformar nossas mentes e corações.

Nós não temos mais tempo. Precisamos de todas as mãos, de todos os braços e de todos os corações para construirmos um mundo mais justo, solidário, sustentável, equilibrado e diverso. Muito obrigada!”